

Stadium

196-4 de Setembro de 1946—Esc. 2\$00

Os ciclistas da camisola amarela

(INDEPENDENTES)

XI volta a Portugal



Fernando Moreira
(F. C. Porto)
1 etapa



José Martins (Iluminante)
1.º classificado
15 etapas



João Rebelo (Sporting)
7 etapas



Custódio dos Reis
(Sporting)
2 etapas



Driss (Iluminante)
1 etapa



Onofre Tavares
(F. C. Porto)
2 etapas

2

196-4 de Setembro de 1946 - Esc. 2800

A Iluminante

Material eléctrico

para

todas as aplicações

Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
LISBOA

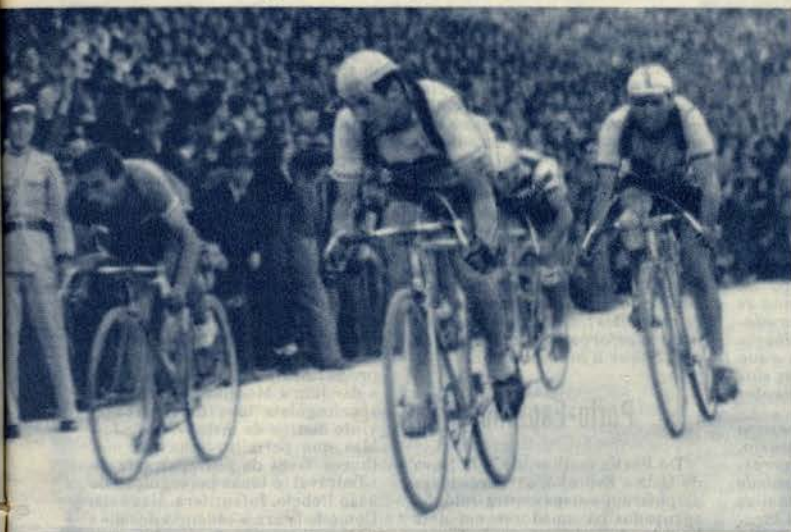
Rua Passos Manuel, 209
PORTO

Stadium

N.º 196 ★ 4 DE SETEMBRO DE 1946 ★ PREÇO 2\$00



Os corredores do Norte, seja qual for o seu clube, são esplêndidos camaradas — como a nossa foto comprova. Além disso, grandes animadores da Prova!



No Estádio do Lima, perante uma ovação enorme, entusiástica, da multidão, os primeiros corredores iniciam as voltas à pista



O ídolo do Norte, Fernando Moreira, rodeado dos seus admiradores.



A multidão vibra! — quando os primeiros corredores surtem no Estádio do Lima!



Fernando Moreira logo seguido de Djalili, entra no Estádio do Lima

A intervenção dos portugueses na magnífica XI Volta a Portugal contribuiu decisivamente para o seu êxito! Todos se comportaram com brilho, esforço, generosidade e desportivismo, honrando a terra nortenha. De entre todos, porem, é justo salientar a actuação de Fernando Moreira, um campeão de fibra e de classe — que o país inteiro aplaudiu e aclamou vibrantemente!

A mais pequena e bela admiradora do Porto entrega a Fernando Moreira e a Dias Santos uma taça destinada ao clube



DO PORTO A LEIRIA

seis tiradas de certo modo tranquilas que não provocaram alterações sensíveis na Classificação Geral

(Do nosso enviado especial
TAVARES DA SILVA)

LEIRIA, 31 (Pelo telefone) — Do Porto a Leiria disputaram-se nesta brilhante Volta a Portugal, que excede todas as outras no ponto de vista desportivo, seis tiradas, incluindo uma contra-relógio. A nota dominante e que desejamos vincar expressivamente é de que a competição suscita o mais caloroso entusiasmo em toda parte, quer se trate de terras fins de etapa ou de povoações no trajecto.

Ainda conservamos na nossa memória a apoteótica manifestação prestada no Porto à chegada dos corredores. Quando deixámos a cidade nortenha do trabalho, prolongavam-se ainda os aplausos. Milhares de pessoas aplaudiram freneticamente toda a caravana e especialmente o seu ídolo, Fernando Moreira, que leve o condão de despertar o gosto pelo ciclismo em toda a região do norte.

No salto que demos para Espinho, por Carvalhos e Oranza, manteve-se o ambiente de apoteose em que os corredores se vêem enovados, não obstante a natureza da tirada, contra-relógio com um sistema especial, não ser propícia à emoção e ao carácter de espectáculo. Afinal, um segundo havia de separar a famosa parêntese da cabeça da classificação.

Espinho interessou-se também grandemente pela corrida. Parámos sob avalanches de aplausos, percorrendo, nesse mesmo dia 27, uma das mais belas regiões do País, o percurso Espinho-Aveiro, por Ovar, Estarreja, Salreu, Angeja e Cácia. A vila de Estarreja destacou-se especialmente na manifestação prestada aos ciclistas, oferecendo uma valiosa taça, assim como Cácia. Estava um dia luminoso soprando uma brisa fresca, e os choupos e os salgueiros pareciam contentes da mancha colorida que os atravessava. Em Aveiro, a caravana era aguardada também por uma entusiasta multidão.

Reposuámos um dia na encantadora terra aveirense, contemplando a ria inigualável e os seus

belos dotes de natureza. Alguns ciclistas foram passear pela ria de lancha, ou até à barra e Costa Nova. Emfim, retemperadas as forças, continuava no passado dia 29 a longa pedalada — tomando rumo a Sangalhos. Deixámos o Vale de Vouga para penetrar na encantadora região da Bairrada. Albergaria-a-Velha, Agueda e Malaposta acordaram da sua paz, vibrando intensamente. A entrada em Sangalhos resultou magnífica na recepção prestada. O almoço na Quinta do Paço transformou-se numa reunião de bela camaradagem. As meninas das melhores famílias da região levaram a sua gentileza ao ponto de serem elas próprias a servirem os elementos da caravana.

A tarde encaminhámo-nos para Coimbra, alterando o itinerário, previamente fixado, para correspondente à fidalguia e generosidade de Mortágua. Aumentaram-se assim uns quilómetros, mas atravessámos um trecho formosíssimo da Natureza, dirigindo-nos para Coimbra por Penacora. Na cidade universitária era-nos prestada uma significativa homenagem e a recepção teve grandeza. Contribuiu para o bom agasalho o sr. dr. Castro Soares, um homem de formação desportiva.

A 30 de Agosto o povo de Coimbra juntou-se no centro da cidade para ver partir saudosamente a caravana. Direito à Figueira da Foz, por Tentugal e Montemor-o-Velho, concentraram-se em frente dos Paços da Câmara Municipal dessa cidade, onde se encontrava instalada a meta, milhares de pessoas. No Grande Casino Peninsular era-nos servido um delicioso almoço, acompanhado por números de variedades de grande êxito. Na tarde desse mesmo dia, sempre e sempre sob aplausos, tomámos a direcção de Leiria, por Paíão, Guia e Monte Redondo. No fim desta tirada éramos acolhidos por uma multidão compacta e entusiástica, que não teve, e foi pena, a graça de um «sprint» emocionante.

A partir do Porto e quando começámos a descer, deixámos para todo e sempre, ao que parece, o martírio da poeira, das

más estradas e das escaladas montanhosas, substituído agora por boas estradas, quase sempre lisas e asfaltadas, e também planas. É indiscutível que o frêmito que por vezes perpassa nos elementos da corrida se deve à instituição de prémios locais: aqui e ali, um envelope-mistério, uma taça, ou uma dádiva, a espicaçar o ânimo dos concorrentes. Se é certo que a natureza dos percursos e as suas quilómetros não permitem lutas de sacrifício, basta-nos para recordar estas tiradas vários dos «sprints» finais, vivos, estonteantes; momentos do mais intenso esforço muscular, em que parece que a máquina voa.

Porto-Espinho

Do Porto, melhor, de Vila Nova de Gaia a Espinho, os corredores disputaram a etapa contra-relógio, agrupados os amadores em dois homens de cada vez e os independentes em três grupos de cinco e dois de quatro, tanto quanto possível, uns e outros, respeitando as equipas.

Etapa sem grandes pormenores, não provocou alterações na classificação. Nem era fácil que tal acontecesse, pois a distância era somente de 22 quilómetros.

Mas andou-se bem; aliás, esta «Volta» tem sido admirável nesse aspecto. Velocidades impressionantes, firme entusiasmo dos ciclistas e um conjunto de resultados de bom quilate.

A média registada foi de 36,084. José Martins ganhou 1 s. a Fernando Moreira. Ambos chegaram com cerca de um minuto de avanço sobre o terceiro. Isto significa que os dois fortes corredores são, incontestavelmente, os melhores do numeroso lote ainda na prova.

Em Espinho, e ao longo do percurso, o entusiasmo era delirante. «Viva Moreira» e o «F. C. do Porto» eram as frases que a todo o instante se ouviam.

João Rebelo estava a fazer uma bela prova quando um salto de corrente lhe fez perder tempo. Já tinha ganho 1 m. 30 s. a José Martins, que seguiu à sua frente acompanhado por todos os melhores homens da Iluminante.

João Rebelo arrancava forte logo à saída e com ele só foram José Martins e Fernando Moreira. Os três homens conduziram a prova durante muitos quilómetros, em boa velocidade, tornando improficuos os esforços do pelotão para os alcançarem.

Impressionou a marcha veloz destes ciclistas, autênticos campeões, capazes de todos os sacrifícios. Acentue-se, por exemplo, que a média foi de 39,500, a mais elevada da «Volta», e que, de manhã, havia sido disputada uma etapa contra-relógio. Admiráveis, estes rapazes!

João Rebelo não pôde beneficiar do seu gesto. Em Estarreja, precisamente quando se dispunha a dar luta a Moreira e Martins, o sportinguista teve um «furo» a vinte metros da meta! Arreliador. Mas que permitiu uma das melhores fases da prova, através da admirável e tenaz perseguição de João Rebelo. Infrutífera. Mas bela. Como bela era a cadência dos dois únicos homens da frente, qual deles dignos um do outro.

Angeja e Cácia passaram como meteoros, tal era a pedalação do «leader» e do seu rijo adversário. Na meta José Martins ganhou. Porque Moreira não sabia onde era a meta ou porque o esforço que até aí fizera o abalara? Talvez um pouco das duas coisas... A seguir a estes dois ciclistas chegou um pelotão completo. Depois João Rebelo, tendo estampados no rosto o aborrecimento e o esforço.

A meta estava localizada em Esqueira. Ambiente de entusiasmo e animação invulgares. Aveiro soube receber.

Aveiro-Sangalhos

A etapa Aveiro-Sangalhos teve 52 quilómetros e foi percorrida, em pelotão quase compacto, à média muito boa de 34,185.

Decididamente, anda-se muito nesta grande «Volta». Independentes e amadores quase se equivalem. A linda vila bairradina chegaram, em molho, quase todos os concorrentes!

Angeja, Albergaria-a-Velha, Agueda vitoriarão os corredores, cuja passagem provocou o maior entusiasmo. Fernando Moreira e Custódio dos Reis conquistaram os prémios de passagem e disputaram o primeiro lugar numa enbalagem ardorosa. O sportinguista ganhou por um nada, um «tubo» talvez. Espadilha foi o primeiro amador.

(Continua na página seguinte)

Espinho-Aveiro

De Espinho a Aveiro, em 51 quilómetros, por Ovar, Avanca e Estarreja, houve luta da melhor da «Volta».

XI Volta a Portugal em bicicleta

(Continuação da página anterior)

Belíssima etapa. Porque se andou bem, porque o ambiente na bela região baixinha era de festa, de animação como só a «Volta» pode dar.

O Benfica começa aqui a encontrar o seu meio. Em Barrô, uma vitória simples à beira da estrada, foi oferecida uma caixa de garrafas de espumosos aos corredores «encarnados».

Sangalhos embandeirou em arco para receber a gente da «Volta». Almoçou-se na Quinta do Paço, com lindas meninas a servirem-nos.

Etapa que deixou boas recordações, portanto.

Sangalhos-Coimbra

À última hora, para atender solicitações constantes, foi resolvido que o percurso da etapa Sangalhos-Coimbra se fizesse por Mortágua. Boa ideia. O trajecto tornou-se mais longo, mas o ambiente popular da prova veio a ser mais vivo que nunca.

João Rebelo passou à frente na Curia. Palmas e vivas vibrantes. Na subida do Buçaco, difícil como poucas, o sportinguista atacou a fundo, respondendo-lhe Moreira e Martins. Depois, na descida para o Barracão, Fernando Moreira tomou a cabeça e pedalou forte, descolando Rebelo. Todavia, em Vale de Açores o pelotão era de novo numeroso.

Em Mortágua, a terra em festa; Moreira e Djilali passaram à frente, ganhando prémios bons. Djilali, casado, teve uma bicicleta por ser o primeiro casado a cortar a meta.

Santa Comba Dão. Entusiasmo. Vibração. Moreira e Driss ganharam prémios.

A paisagem era cada vez mais maravilhosa. A estrada seguia ora ao longo do rio Criz, ora do rio Alva, para terminar à beira do Mondego, através dessa região de sonho de que Penacova é o centro e o imã.

A marcha prosseguia veloz, com Rebelo e Rola a comandar. O corredor do Lisgás sabia que Serafim Paulo se atrasara por avaria e pedalava rijo, na antevista da camisola amarela.

Em Coimbra, milhares de pessoas aguardavam os ciclistas. Fernando Moreira «sprintou» e cortou, mais uma vez, a meta em primeiro lugar, sob uma tempestade de aplausos.

A distância foi de 98 quilómetros e a média de 32,839. Rola ficou a 28 s. de Serafim Paulo.

Coimbra-Figueira da Foz

A saída dos corredores verificou-se da Portagem, pouco depois das 10,30 h. Desfile até à Estação Velha, e, daqui, a largada oficial às 11,03 h.

Desde começo bom andamento, com Manuel Rocha a comandar e a equipa da Iluminante de atalaia, pronta para tudo. Mas ninguém atacou. O pelotão seguiu compacto até à descida para a Figueira da Foz, onde, no entanto, apenas

um corredor se atrasou, o benfiquista Alberto Alves.

Os corredores atravessaram Tentugal, a dos famosos pastéis, a boa velocidade. E chegaram a Montemor-o-Velho com uma hora de prova e 34 quilómetros percorridos.

Dias Santos ganhou ali, à vista da esposa, um envelope com 350\$00 escudos.

E a marcha prosseguiu, agora por uma longa recta através dos arrozais do Mondego, que se adivinhava perto pelos longos choupos que o ladeiam.

Maiorca, no alto de uma subida, agasalhou bem os corredores, que foram cobertos de flores. Veio depois a descida para a Figueira da Foz. A velocidade aumentou. Mas apareceram 38 corredores, em grupo, ao começo da Avenida Saraiva de Carvalho, correndo ao longo do formoso e saudoso Mondego.

«Sprint» vigoroso de Moreira. Mais uma etapa para o portuense, calorosamente aplaudido.

Outro bom resultado: 33,915 de média em 48 quilómetros.

Figueira da Foz-Leiria

Figueira da Foz despediu os corredores no meio de vibrantes aplausos e de sorrisos estontantes de lindas mulheres. Louras e morenas, para todos os gostos... Saída rápida. Gala, Boavista, Santa Luzia, povoações muitas de homens do mar e do campo, atravessadas em boa correria. Palmas e vivas aos corredores mais populares.

José Ferreira foi de encontro a um automóvel. Feriu-se. Continua corajosamente, pensado pelo apoio do Sangalhos, cujo delegado lhe cedeu ainda uma bicicleta. Desporto puro. Do melhor. Lição e exemplo vivos da nobreza da luta.

Em Monte Redondo o Grupo Desportivo instituiu uma taça para o 1.º. Foi Moreira...

Agora, através do Pinhal do Rei, que assim é também chamado o Pinhal de Leiria, a marcha não abrandava. João Rebelo ganhou um prémio em Monte Real.

Ortigosa. Começou a ver-se ao longe, activo e donairoso, o castelo de Leiria. Já se ouvia cantar o Liz, correndo mansamente à sombra dos salgueiros, em direcção ao mar.

Leiria surge-nos envolta num halo de luz. Os corredores ouvem aplausos e embalam, quase trinta, para conquistarem os prémios que ali havia. Prémios para todos. A gente de Leiria sabe fazer as coisas.

Dias Santos à frente, a dez metros. Mas Moreira arranca forte e ganha sobre a meta, por pequena diferença. A suficiente para não deixar dúvidas.

Rola entra no pelotão. Depois aparece, tristonho, Serafim Paulo. Saltara-lhe a corrente. A camisola amarela está em perigo. Só 17 s. o separam dos companheiros de clube.

A etapa teve 54 quilómetros e foi coberta a 35,071 de média.

As últimas pedaladas

De Beiria a Bisboa todos os corredores suportaram o andamento

(Do nosso enviado especial
TAVARES DA SILVA)

LISBOA, 1 — A manifestação prestada à saída de Leiria teve vibração. Tomámos o caminho da Batalha, por Azóia. Encaminhámo-nos para Porto de Mós, que, pela primeira vez, foi visitada pela caravana. As autoridades locais receberam os acompanhantes com a maior gentileza.

Retomando a boa estrada perto de Alcobaca, atravessámos Caldas da Rainha, tão bela região, e passamos Rio Maior, terra entusiástica pelo ciclismo.

Em Santarém, tanto à chegada como à partida, os corredores foram muito aplaudidos. Estávamos já no último dia da prova. Por Cartaxo, Azambuja, Vila Nova da Rainha, Carregado, Vila Franca, Alhandra e Alverca, a passagem dos concorrentes despertou o mais vivo interesse. Mesmo fora das povoações, viam-se muitos curiosos, de automóvel e em outros veículos. O pelotão nunca se desmembrou, visto cada corredor já estar conformado com a sua «classificação». Em todo o percurso duas palavras, a cal, na estrada: José Martins. Em Sacavém, a multidão aumentou ainda. E a décima primeira Volta a Portugal terminou apoteoticamente na Praça da Maratona do Estádio Nacional.

De Leiria a Santarém

Na subida, próximo de Leiria, nada se passa de novo. Os corredores suportam o andamento e a marcha desenvolve-se em pelotão. Até à Batalha, tudo sem novidade. Na meta da Batalha trava-se luta ao «sprint» para o prémio entre Moreira e os marroquinos, ganhando Driss. Em Porto de Mós, cortou a meta em primeiro lugar Fernando Moreira, seguido de Rebelo e Driss.

Na descida para Alcobaca, como, de resto, sucede sempre que a velocidade aumenta, o pelotão transforma-se em fila indiana. Na áspera subida que depois nos surge, também ninguém cede. Tudo vai bem disposto.

No pelotão faltam apenas dois corredores, por causa de «furos», Santos Gonçalves e Guilherme Jacinto. No caminho de Rio Maior atrasam-se José Novais, Tavares da Silva, Manuel Pereira e Eduardo Lopes — o qual aguarda Driss para recolher.

A marcha é de tal modo moderada que permite a junção, novamente, de todos os ciclistas.

Em Rio Maior, Fernando Moreira foi o 1.º, Djilali 2.º, e os dois amadores que passaram à frente, os portugueses Joaquim Sá e Joaquim Costa, também foram contemplados.

Um pouco antes, numa descida, Amândio Monteiro emburrou-se com um cão e ficou contuso na cabeça, sendo prontamente socorrido por Mário de Almeida.

A meta, em Santarém, estava instalada junto ao Jardim da República, depois da subida da Calçada do Monte. Venceu, sem dificuldades, Fernando Moreira.

De Santarém a Lisboa

Em Santarém aglomerou-se a multidão, à partida. Alguns metros percorridos, Custódio dos Reis sofreu uma avaria, iniciando depois a corrida de perseguição para recolher.

Era fácil! O pelotão marchava unido, sem rasgos individuais. Em Vale de Santarém, segue-se em fila indiana, revelando os «iluminantes» a sua preocupação de cobrir e proteger o homem da camisola amarela.

No Cartaxo, em frente da casa do «grande» Nicolau, há um prémio para o primeiro amator, ganho por Manuel Gonçalves.

A velocidade diminui, a caminho da Azambuja. Driss tem uma avaria e Eduardo Lopes auxilia-o. No Carregado é 1.º Gaspar Paulo. Em Castanheira vence Santos Rato.

Em Vila Franca de Xira havia duas metas e dois prémios. Conquistam-nos Fernando Moreira e José Martins, respectivamente, uma banheira e uma cama de madeira. Após estes «sprints», à caça dos prémios, o pelotão volta ao ritmo moderado. Por Alhandra e Santa Iria não há novidade. Reoolam os dois «atrasados», Amândio Monteiro e José Novais. Em Sacavém, a caravana corta pela estrada militar até Benfica, e em seguida por Algés e Dafundo. Enfim, a Praça da Maratona. É o delírio e a última apoteose.

FLECHA

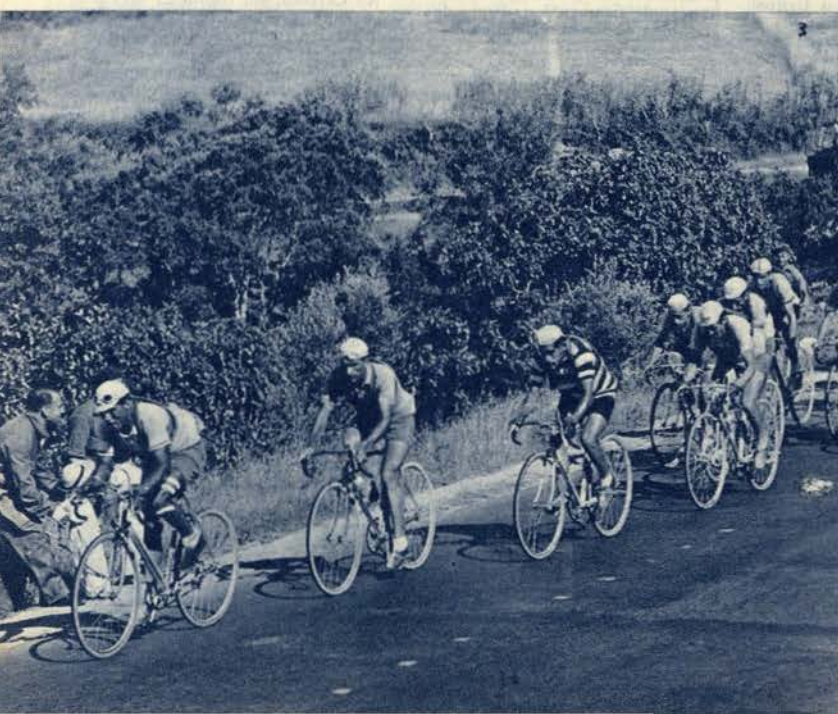
a melhor bicicleta



ASES do PEDAL



1 — A caminho de Ovar... pensando na fuga? 2 — Próximo de Águeda o pelotão fragmentou-se.
 3 — Pelas estradas lindas de Portugal o esforço magnífico dos corredores compôs quadros curiosos. 4 — Atentos, os ciclistas vão consumindo quilómetros. 5 — A caminho de Estarreja, Fernando Moreira vai tentar a fuga. 6 — Na encosta da serra a objectiva fotográfica fixou este aspecto da corrida





Serafim Paulo

ao vestir a camisola amarela segue no rasto dos irmãos mais velhos

e constitui um exemplo para o seu irmão mais novo

classe para lutar comigo em condições perfeitamente iguais. De resto, uma corrida desta natureza está sujeita a um número infinito de *pequenas coisas*, e tudo depende da forma como esses imponderáveis actuarem.

- E' a primeira vez que vai à Volta?
- Sim e não. Da primeira em 1940, vim como mecânico. Interessava-me ver meu irmão mais velho.
- Então, corre à pouco tempo?
- E' certo. Como tropa segui para Cabo Verde e por lá estive durante bastante tempo, perdendo por cá as épocas de ciclismo. Deixá-lo. Hei-de recuperar o perdido...
- A volta é difícil?
- Um bocado. Muito dura e muito penosa. A's vezes há vontade de desistir, e só uma força poderosa de ânimo consegue dominar esse sentimento.
- Quem admira mais na categoria *independentes*?
- José Martins, Fernando Moreira, João Rebelo e Custódio dos Reis.
- E na categoria dos *amadores*?
- Joaquim Costa, no contra-relógio, é formidável; Maximiliano Rola um grande ciclista.
- Só faz ciclismo?
- Pratico também natação e futebol.
- O seu clube?
- Sou do Benfica, o melhor do Mundo.

Serafim Lopes Paulo, de 24 anos, solteiro, fala-nos ainda do carinho com que tem sido tratado pelo delegado, maçagista e mecânico do seu clube. Eis aqui uma das facetas mais curiosas da vida do Serafim como de toda a família; o sentimento da gratidão.

PRÓXIMO da Guarda, na aldeia dos trinta, nasceu uma família de ciclistas: Aguiar da Cunha, Aristides Paulo e Serafim, tres corredores de boa estirpe que sucessivamente se tem afirmado em competições de ciclismo. Poderíamos acrescentar à lista, o mano João, o mais novo, 19 anos, que ainda não foi às sortes mas arde em desejos de travar batalha com os ases do pedal.

Todos eles aprenderam a andar de bicicleta nos terrenos da Junqueira, treinando-se mais activamente nas ingremes subidas da sua Serra. E a paixão pelo ciclismo domina a vida desta família, todos sentem e vibram com os feitos uns dos outros. Por exemplo, agora, Aristides Paulo está a sofrer tanto como o irmão. Escassos segundos do segundo, Maximiliano Rola, dum momento para outro a camisola amarela poderá conhecer outro corpo.

Também Serafim, quando lhe falamos em Leiria, está a viver, em emoção, a sua corrida. Quando lhe perguntámos:

- V. ganha?

- Tenho vontade...

mas eu bem sei que o meu adversário, por acaso, companheiro do clube, tem

PELA ordem natural das coisas quase todos nós, os que andamos a correr atrás dos corredores, acompanhamos mais intensamente o esforço dispendido pelos *ases*. Mas a corrida é igual para todos, em sacrificio, e porventura alguns dos ciclistas que não seguem à frente na tabela são os mais desportivos e os de ânimo mais forte. Mesmo nos momentos mais dolorosos que esta grande corrida comporta há um rapaz, de cara galata, sorriso franco e aberto que nunca perde a serenidade e a boa disposição.

E' mano Tavares! E lá segue pedalando estrada fora, num ritmo harmonioso escondendo debaixo do seu eterno sorriso o esforço que desenvolve. Cabe-nos apresentá-lo, e nós, que tantas vezes temos brincado com ele, apontando-lhe a necessidade da defesa e prestigio do nome comum (por sinal não somos parentes), fazemo-lo com o mais grato prazer.

José Tavares da Silva, de 28 anos, casado, natural de Oliveira de Azemeis, isto é, da povoaçãozinha de Santiago de Ribaul, que lhe fica cerca, começou a correr bicicleta ao tempo em que assentou praça. Começou tarde, portanto. Mas ainda foi a tempo de ganhar dois campeonatos de Lisboa e dois campeonatos de Portugal na categoria de *amadores-seniores*. Pela primazia participou agora na Volta a Portugal.

Segundo nos afirma, está contente com o seu Ligás, tendo começado no Campo de Ourique com um curto desvio pelo C. D. «Os Tabacos».

- Esta corrida adapta-se às suas qualidades de estradista?
- Gostaria de etapas mais compridas; permitindo a selecção de valores. Em tiradas curtas todos podem acompanhar o ritmo da pedalada. Nos trajectos longos há mais ocasião de fazer coisas...

- Tem-lhe custado...
- As primeiras etapas custaram-me muito. Era o tributo da adaptação. Depois, durante a Volta as duas tiradas conjuntas Bragança-Chaves-Braga são inesquecíveis na minha vida de atleta. O inferno não deve ser pior!

- Quais os *independentes* que mais aprecia?
- Os mais fortes são, a meu ver, José Martins, João Rebelo, Custódio dos Reis, Aristides Martins e os marroquinos Drias e Dgillali.

- Na categoria de *amadores*?
- Os nossos homens, Serafim Paulo e Maximiliano Rola, Manuel Gonçalves, do Sangalhos e Joaquim Costa, do Porto. Qualquer deles estradistas muito fortes e adversários valorosos.

- A equipa do Ligás tem alguns objectivos imediatos na competição que se vem travando?

- A nossa missão é principalmente ajudar os *amadores* que estão bem classificados. Não há entre nós categorias. A nós, *independentes* cumpre-nos auxiliar os nossos camaradas que seguem à frente.

- Em seu parecer quem é mais rápido?

- Eduardo Lopes e Onofre Tavares.

- Chegará a Lisboa?

- Nem que vá de rastos...

- Azares...

- Basta dizer-lhe que trouxe duas máquinas e já não tenho nenhuma. Desde Viseu que corro em uma emprestada. O meu total de desgraças: uma máquina partida, um quadro e um guiador desarranjados, nove furos e quatro quedas não será dos mais trágicos mas também não é dos mais alegres.

Isto nos diz um corredor que, no decurso da grande pedalada, soube ser ciclista e ser homem. E nunca da boca deste homem saiu uma má palavra. Em conversa, mesmo, com os dirigentes do clube, ars. Rodolfo Rodrigues e António Nogueira que, por várias vezes, nos apareceram na Prova, eles não esconderam a sua vivíssima simpatia por este corredor disciplinado — o que dava menos trabalho. Em toda a caravana também o corredor do Ligás disfrutava um carinho, aliás, bem merecido.

Um sorriso optimista volta a iluminar o rosto acreançado deste simpático rapaz e brioso corredor que além de todas as suas qualidades, ainda se chama Tavares da Silva.



Tavares da Silva

o corredor que resiste às desgraças com um sorriso de optimismo

As suas afirmações são simples como é a sua própria pessoa

A Iluminante e o Lisgás

respectivamente em independentes e amadores ganharam a grande prova individualmente e por equipas

O recorde da média geral da corrida foi batido por 353 metros

COMO estava previsto logo que, em Braga, se registou a média geral de 30,455, foi batido o recorde da média. Francisco Inácio, do Sporting, que ainda alinhou este ano, fixara-o, há cinco anos, em 31,082. José Martins, o brilhante vencedor da 11.ª «Volta a Portugal», elevou-o para 31,435.

A diferença é de 353 metros, que tem de considerar-se apreciável. Cerca de 400 metros a mais, por hora, é realmente caso para pôr em realce.

Não há dúvida, portanto, de que a prova atingiu, desportivamente, o maior êxito.

Durante vinte e dois dias, incluindo quatro de descanso, a corrida despertou o maior entusiasmo em todo o país, principalmente no Norte — e aqui, ainda, no Porto — onde a passagem dos corredores tomou foros de apoteose. Este ambiente de carinho e simpatia populares reflectiu-se, pensamos, nos próprios resultados técnicos da prova, constituindo um estímulo para os concorrentes, aliás, estimulados pelos valiosos prémios em disputa.

De qualquer modo, a 11.ª «Volta a Portugal», em boa hora organizada pelos nossos prezados colegas «Diário de Notícias» e «Mundo Desportivo», representando um extraordinário esforço, foi digna das tradições da prova e correspondeu, inteiramente, à expectativa mais lisonjeira.

O equilíbrio de valores foi sensível e tem de considerar-se na base do êxito desportivo da competição. Basta confrontar as tabelas de classificações para se observar que não podia desejar-se melhor. As pequenas diferenças entre os dois primeiros de cada categoria (11.ª na de amadores!) e entre os dez primeiros de independentes são suficientemente elucidativas. A «Volta a Portugal» foi disputada por um grupo magnífico de corredores de valor aproximado e de forte espírito desportivo. Só com muito espírito desportivo os concorrentes puderam vencer as enormes dificuldades que a prova lhes ofereceu ao longo de 2.258 quilómetros, uma boa parte deles percorridos em estradas em mau estado.

Dos 67 concorrentes que saíram de Lisboa chegaram 39. A percentagem de desistências foi, portanto de 41,9 %, no conjunto das duas categorias. Aparentemente elevada — já houve, no entanto, percentagens bem maiores — há que atender a esta circunstância: a organização abriu as portas a toda a gente, admitindo corredores que

se previa não iriam longe. Fê-lo, sabemos, dentro do melhor espírito e porque se tratava de fazer reviver uma grande prova, havendo, por isso, necessidade de interessar o mais possível todos os meios e regiões. Alguns clubes, porém, não corresponderam à atitude dos organizadores, e, embora fosse legítimo o desejo de compartilharem do êxito popular da corrida, deviam ter mais cuidado na escolha dos seus representantes. A «Volta a Portugal» tem de ser uma prova só para os aptos.

Foi maior em amadores que em independentes a percentagem de desistências. É natural que assim tenha acontecido. Precisamente nos amadores foi que se registou a inscrição de elementos antecipadamente votados a desaparecerem.

Vejamos as duas categorias.

Independentes:

Partiram 37. Chegaram 23. Percentagem de abandonos: 37,8 %.

Amadores:

Partiram 30. Chegaram 16. Percentagem de abandonos: 46,6 %.

O grande vencedor da «Volta a Portugal» foi o corredor da Iluminante, José Martins. Pela terceira vez este ciclista tomou parte na prova e o facto de ter sido o 2.º classificado em 1941 dava-lhe para a corrida deste ano personalidade própria e definida.

O seu triunfo corresponde a uma actuação de bom valor. O ciclista da camisola amarela evidenciou-se logo nas primeiras etapas e ao disputarem-se as duas etapas contra-relógio de Estremoz e Covilhã deu imediatamente a impressão de que era sério candidato ao primeiro lugar. Veio a conquistá-lo em Mirandela, depois duma corrida magnífica contra-relógio e beneficiando ao mesmo tempo de um abaixamento nítido de João Rebelo.

Se é certo que os seus companheiros de clube, numa interessante manifestação de espírito de equipas, lhe prestaram o ótimo apoio, mostrando-se sempre prontos a sacrificarem-se por ele, não é menos verdade que José Martins evidenciou possuir os melhores requisitos para ganhar a prova: calma, segurança, confiança em si próprio e regularidade absoluta, quase cronométrica. Foi bem o melhor corredor da «Volta».

E o seu triunfo realça mais ainda porque foi conquistado em luta com adversários do talhe de um Fernando Moreira, um João Lourenço, este tão lamentavelmente obrigado a desistir.

Fernando Moreira foi um cor-

redor brilhante, um impressionante ganhador de etapas e de prémios de passagem. Talvez, porém, tenha esbanjado energias com essa preocupação, não poupando forças para o golpe que sempre se esperou e afinal não surgiu. Deve certamente ter influído na atitude do grande ciclista português — o melhor que em todos os tempos o Porto mandou à prova — o facto de não dispor de companheiros de equipa da sua estatura desportiva. Era só contra muitos.

João Rebelo foi magnífico de entrada e principalmente nos dois primeiros contra-relógio. Depois, fisicamente abalado, teve um abaixamento de condições e possibilidades tão pronunciado que, além de descer ao quarto lugar, se chegou a temer pela sua permanência na prova. De novo brilhante na etapa de Aveiro, a sorte não quis elevar-lhe o moral. Cremos que, a partir de então, renunciou a melhor lugar.

A desistência de João Lourenço foi por todos lamentada. O sportinguista estava a fazer uma grande prova. Era, até então, um dos melhores.

Ainda nesta categoria salientem-se Driss, Djilali, o regularíssimo Aristides Martins, as boas condições de Dias Santos ao contra-relógio e a excelente classificação do individual Império dos Santos.

Os amadores deram animação à prova, obrigando algumas vezes

Manuel Mota

À margem da Volta

Do Porto para baixo há a impressão de que a corrida é mais fácil. Todos os corredores dizem:

Agora, a descer, é melhor. Não obstante, também temos de subir uma vez por outra...

Perguntam a Fernando Moreira, no Porto:

— Quando conquistas a camisola amarela?

— Na primeira oportunidade...

Intervenção rápida de José Martins:

— Na primeira Volta que, depois desta, se realizar.

Na partida simbólica do Porto, o sr. governador civil, que é uma personalidade muito dada a coisas do desporto, ainda não tinha

os «ases» a puxar e acompanhando-os mesmo nas caminhadas mais duras.

A capacidade dos novos, em momento de boa inspiração chamada à corrida, pode apreciar-se por este pormenor: Serafim Paulo, o vencedor da categoria, seria 10.º numa classificação única.

Entre o vencedor e o 2.º classificado travou-se nas últimas etapas um curioso despique. Serafim Paulo veio a ganhar por 17 s., diferença insignificante, a mais pequena de sempre na «Volta», e que, revelando equilíbrio de valor, reflecte também a pouca sorte do 1.º classificado. Rola foi, sem dúvida, uma revelação. Mas Serafim Paulo mostrou-se mais completo, embora menos brilhante.

Bons amadores são também os portugueses Joaquim Costa e Joaquim Sá, especialistas de contra-relógio; Domingos Jacinto, do Campo de Ourique, e Santos Gonçalves, do Sangalhos. Fez boa prova, mas já não pode ir muito mais longe, Rafael Correia, do C. A. C. O.

A luta de equipas não teve o brilho que se esperava.

Em independentes, o F. C. do Porto e o Sangalhos cederam depressa, ficando em campo apenas o Sporting e a Iluminante. Quis o Destino forçar o resultado do pleito e, assim, o problema ficou arrumado logo que João Lourenço abandonou. Desde esse momento a Iluminante, colectivamente, não teve competidor.

A sua equipa, forte, homogénea, equilibrada, revelou uma força a que nenhuma outra pôde opor-se. Bom triunfo, valorizado ainda pela linda vitória de José Martins.

Na categoria de amadores o Lisgás não teve adversário. Supremacia absoluta, visível desde que Maximiano Rola se mostrou igual a Serafim Paulo.

Entre o C. A. C. O. e o F. C. do Porto travou-se luta acerada, com vantagem dos portugueses, fortíssimos ao contra-relógio, e beneficiando de um acidente sucedido a Rafael Correia. Mas essa luta, para o segundo lugar, não chegou para dar à competição de equipas o brilho que se esperava.

dado o sinal de abalada e já o pelotão estava em marcha.

— Perdão, — afirmou o chefe do distrito, — eu ainda não dei o sinal respectivo.

E o pelotão regressou ao seu lugar para abalar em seguida. Sem desprimor para o nosso camarada Manuel Mota, eis o mais autoritário juiz de partida da Volta a Portugal.

Na última etapa contra-relógio, todos afirmavam que ganharia o ciclista Fernando Moreira.

Belo Redondo, nosso brilhante camarada, esclareceu a situação:

— Como querem que ganhe o Fernando Moreira, se ele vai

(Continua na pag. 10)

NEM os adversários, bons adversários desta XI Volta a Portugal em bicicleta, negarão por certo o valor à excelente equipa do G. D. de «A Iluminante». Seria impossível. O conjunto vencedor da grande competição velocipédica, impondo-se também unânime por unânime, desde José Martins ao amador modesto, classificou-se com indiscutível direito na vanguarda, embora a seu lado pedalasse os melhores valores do ciclismo nacional.

As vitórias valorizam-se quando se tornam particularmente difíceis de conseguir. Vitória sem esforço, já se sabe, não enriquece o campeão. Ora a equipa da Iluminante, em luta aberta, desde a primeira etapa, com a valorosa formação do Sporting, e tendo ainda de enfrentar Fernando Moreira, homem de classe limpa, indiscutível, pôde constatar o seu triunfo à custa de uma classe que ninguém contestou. Ninguém, do júri ao público, do mais forte ao corredor mais fraco. O valor maciço do conjunto «Iluminante» revelou-se nas primeiras tiradas. E à medida que a prova se ia gastando, apareciam ao de cima, ora J. sé Martins ou Eduardo Lopes, Driss ou Djilali, Jorge Pereira ou Manuel Rocha — rapazes com bagagem para qualquer compromisso, para lutar «taco a taco» contra Moreira, contra Rebelo, contra Lourenço — contra qualquer.

Em valor global, não se encontra melhor no ciclismo português. A «Iluminante» possui equipa para suportar o «peso» de qualquer outra representação de clube. Uma equipa que sabe esperar o desgaste, uma equipa, que, de um modo especial, sabe vencer pela disciplina. Isto, então, é importantíssimo. Ou melhor — foi importantíssimo.

O grupo «Iluminante» atacou sempre unido, sem felhas no comando, sem desobediências ou amãos. Talvez resida aqui, mesmo, o grande segredo da sua vitória magnífica e indiscutível. Quando da fuga aparatosa e emocionante de Driss, na etapa de Évora, a equipa deu imediatamente a perceber que a sua coraça colectiva estava bem fabricada. Enquanto o animoso marroquino se movimentava como um gamo, rapidíssimo e confiante, pôde toda a linha dos seus colegas manter um andamento vagaroso, contendo homens de poder, um dos quais (Fernando Moreira) condizia a camisola amarela!

Se a primeira expressão admirativa se dirigia inteiramente para o vencedor Driss, não há dúvida alguma que os colegas atrasados, no seu conjunto, denunciaram neste lance um poder que deveria colocar qualquer adversário na defensiva.

A superioridade colectiva do grupo de «A Iluminante» veio depois a ter maior expressão em etapas futuras. Sabe-se que o *team* sportinguista nunca deixou de contar boas pedras, mesmo quando João Lourenço, com uma Volta que lhe não calhava bem, foi forçado a desistir. João Rebelo, Custódio dos Reis — um perigo na linha de chegada — Aristides Martins e mesmo Júlio Mourão revelaram-se sempre fibrosos, gente de chama, e por

A equipa de A ILUMINANTE

vencedora da XI Volta a Portugal em bicicleta

categorizou-se pelo seu valor individual e colectivo e também pela disciplina que prestigia clubes e atletas

isso o descanso dos «Iluminantes» nunca pôde ser grande.

Quando José Martins envergou a camisola amarela, foi então notável o trabalho da equipa! Um bloco autêntico. O espírito de colaboração de todos, aliando-se ao valor indesmentível de José Martins — firma a categoria do conjunto, que chegou ao Estádio Nacional triunfante na

Volta até hoje mais bem organizada, mas que espera ainda por melhoramentos necessários.

Quando se vence assim, com inteligência e valor desportivo, não pode manter-se indiferente a acção da crítica. Que ela vive para relatar e ser justa, atribuindo o prémio dos seus comentários a quem o mereça. Nama prova velocipédica, é dos livros,

os imponderáveis pesam com chumbo e nem sempre pode fugir-se à mão implacável ou humana do Destino. Todavia, o acerto na direcção, os cuidados gerais, — tudo que possa contribuir para desfazer atritos, também contribuem para eliminar um tanto a acção dos chamados imponderáveis.

Eis, por certo, o que sucedeu com a excelente equipa do Grupo Desportivo de «A Iluminante». Sentiu-se sempre, mesmo apreciando a distância, que um pulso dominava e era obedecido. A afirmação de que todos trabalhavam para a vitória colectiva está bem demonstrada. Indiscutivelmente demonstrada.

É bonito saber-se isso, principalmente quando nos cabe o encargo de dizer ao público alguma coisa do que se viu ou sentiu. Estes casos de disciplina ou obediência entre ciclistas davam para muitas páginas de doutrina, mas não nos queremos desviar do tema escolhido. Diremos de fagida, para vincar certa ideia: — um grande ciclista que não obedeça ao comando, que seja egoísta e não alinhe decididamente no *team* do clube, — desvaloriza-se. Então, embora *ás*, não serve, pelo menos para colocar a sua colectividade no lugar prestigioso a que tenha direito.

Estas alegações seriam princípio de doutrina a espalhar junto dos homens da Volta, se eles precisassem de as ouvir, evidentemente. Os do G. D. de «A Iluminante», pelo que sabemos, e conseguimos ver, tornaram-se vencedores absolutos à custa da capacidade individual que puderam alardear, por esforço unido do conjunto, por inteligência de direcção — coisa que à primeira vista parece banal e chega a julgar-se imprópria em certas alturas...

O «espírito de sacrifício» de alguns ciclistas forma o alicerce da Vitória. Serão anónimos se deles se não lembrar quem de direito, mas ficam sem dívida alguma com lugar distinto e indiscutível na roda de um êxito conquistado à base do jogo matemático que foi inspirado de cima para baixo. O ciclista «que o público não vê», prezadíssimo leitor, é bem digno dos maiores elogios e das palmas mais francas.

É porque existe *esse ciclista?* — Porque há direcção, comando íntegro, inteligente, dominante. O comando que leva com certeza a equipa da «Iluminante», admirável equipa de ponta a ponta, disciplinado grupo de corredores com classe, — ao primeiro e honroso lugar da XI Volta a Portugal em bicicleta.

Classificação geral

Da XI Volta a Portugal

Independentes

H. M. S.

| | |
|------------------------------|----------|
| 1.º José Martins (Ilum.) | 71 49 43 |
| 2.º F. Moreira (Porto) | 71 53 3 |
| 3.º João Rebelo (Sport.) | 72 3 38 |
| 4.º Driss (Iluminante) | 72 10 21 |
| 5.º A. Martins (Sporting) | 72 15 32 |
| 6.º Djilali (Iluminante) | 72 27 13 |
| 7.º Júlio Mourão (Sp.) | 72 35 51 |
| 8.º C. dos Reis (Sport.) | 72 52 50 |
| 9.º I. dos Santos (Indiv.) | 73 14 36 |
| 10.º Dias Santos (Porto) | 73 17 14 |
| 11.º Jorge Pereira (Ilum.) | 73 21 16 |
| 12.º Manuel Rocha (Il.) | 73 27 11 |
| 13.º Eduardo Lopes (Il.) | 73 35 46 |
| 14.º Luís Pereira (Sport.) | 73 41 46 |
| 15.º T. da Silva (Lisgás) | 73 52 38 |
| 16.º Túlio Pereira (Sang.) | 74 2 43 |
| 17.º G. Jacinto (Ilumin.) | 74 7 2 |
| 18.º Santos Rato (Ilum.) | 74 38 41 |
| 19.º Aristides Paulo (Lisg.) | 74 40 2 |
| 20.º C. Quadros (Lisgás) | 75 24 40 |
| 21.º José Ferreira (Indiv.) | 75 44 41 |
| 22.º Gaspar Paulo (Sang.) | 75 50 54 |
| 23.º M. Pereira (Salg.) | 76 0 44 |

Por equipas

1.ª G. Desportivo «A Iluminante»

| | |
|-----------------------|-----------|
| José Martins (1)..... | 71 49 43 |
| Driss (4)..... | 72 10 21 |
| Djilali (6)..... | 72 27 13 |
| | 216 27 17 |

2.ª Sporting Clube de Portugal

| | |
|--------------------------|----------|
| João Rebelo (3)..... | 72 3 38 |
| Aristides Martins (5)... | 72 15 32 |
| Júlio Mourão (7)..... | 72 35 51 |
| | 216 55 1 |

3.ª Clube Desportivo Lisgás

| | |
|-------------------------|-----------|
| Tavares da Silva (15) | 73 52 38 |
| Aristides Paulo (19)... | 74 40 2 |
| Carlos Quadros (20) | 75 24 40 |
| | 223 57 20 |

Amadores

H. M. S.

| | |
|---------------------------|----------|
| 1.º Serafim Paulo (Lisg.) | 73 17 11 |
| 2.º Maximiano Rola (Lis.) | 73 17 28 |
| 3.º Joaquim Sá (Porto) | 73 47 51 |
| 4.º D. Jacinto (C. O.) | 73 48 23 |
| 5.º S. Gonçalves (Sang.) | 73 49 17 |
| 6.º Joaquim Costa (P.) | 73 56 11 |
| 7.º R. Correia (C. O.) | 74 3 2 |
| 8.º A. Castro (Acad.) | 74 40 38 |
| 9.º M. Espadinha (Ilum.) | 74 51 6 |
| 10.º Jesus Dias (C. O.) | 75 2 29 |
| 11.º A. Monteiro (Ilum.) | 75 36 51 |
| 12.º A. Dias (Sangalhos) | 76 9 23 |
| 13.º Alberto Alves (Ben.) | 77 7 45 |
| 14.º José Novais (Porto) | 77 50 52 |
| 15.º Domingos Silva (Bf.) | 78 16 21 |
| 16.º A. Marques (Arroios) | 79 26 3 |

Por equipas

1.ª Clube Desportivo Lisgás

| | |
|------------------------|-----------|
| Serafim Paulo (1)..... | 73 17 11 |
| Maximiano Rola..... | 73 17 28 |
| | 146 34 39 |

2.ª Futebol Clube do Porto

| | |
|-----------------------|----------|
| Joaquim Sá (3)..... | 73 47 51 |
| Joaquim Costa (6).... | 73 56 11 |
| | 147 44 2 |

3.ª Campo de Ourique

| | |
|------------------------|-----------|
| Domingos Jacinto (4) | 73 48 23 |
| Refael Correia (7).... | 74 3 2 |
| | 147 51 25 |

4.ª Sangalhos Desporto Clube

| | |
|------------------------|-----------|
| Santos Gonçalves (5) | 73 49 17 |
| Alexandre Dias (12)... | 76 9 23 |
| | 149 58 40 |

5.ª G. Desportivo «A Iluminante»

| | |
|-----------------------|-----------|
| Manuel Espadinha (9) | 74 51 6 |
| Amândio Monteiro (11) | 75 36 51 |
| | 150 27 57 |

6.ª Spori Lisboa e Benfica

| | |
|------------------------|----------|
| Alberto Alves (13).... | 77 7 45 |
| Domingos Silva (15)... | 78 16 21 |
| | 155 24 6 |

A Volta a Portugal terminou em beleza. Triunfalmente os "azes" da estrada entraram no Estádio Nacional, agéis, vertiginosos, impulsionados pelo seu entusiasmo, numa chamada admirável ao seu brio desportivo, ao desejo de vencer. Até ao último momento, até que a roda dianteira das suas bicicletas pisasse a faixa branca da meta, os ciclistas da grande prova desportiva mantiveram-se soberbos de esforço.

— Eles aí vêm! E a multidão, que emoldurava o cenário magnífico do Estádio — em dia de grande festa — ergueu-se espicaçada pelo entusiasmo delirante que aquele momento lhe fazia viver. Foi, de facto, uma verdadeira festa de desporto, a de domingo último, no magestoso Estádio Nacional. Condigna e merecedora para premiar a chegada dos ciclistas que, durante vinte dias, pedalaram pelas estradas de Portugal.

O desporto enobreceu-se com mais aquele dia de intensa actividade. Houve alegria, movimento. Glorificam-se campeões.

Num conjunto impressionante, pela beleza que encerra uma manifestação desportiva, o festival no Estádio Nacional preencheu uma tarde inteira, prendendo a atenção dos milhares de pessoas que encheram quase por completo as suas arquibancadas. E enquanto os campeões da estrada não chegavam a multidão não cessou de vibrar, com as corridas de Matos Fernandes, de Paquete e de Bastos, batendo recordes nacionais, ou, depois, com esse outro desporto, o mais do seu agrado, o grande desporto: o futebol.

Os olhos da multidão que vai aos campos estavam sequiosos de voltarem a ver os seus ídolos preferidos. Lá estavam, os geniais malabaristas do jogo da bola, o Espírito Santo, o Feliciano, o Amaro, o Peyroteo. Um dia grande, onde o desporto se firmou mais uma vez como das mais lindas festas que é possível imaginar-se ao ar livre — saudavelmente, em contacto com a natureza.

Quando, na Praça da Maratona, a mancha colorida das camisolas dos ciclistas irrompeu alegremente na brancura do vasto recinto, foi um entusiasmo indiscutível. O sussurro das grandes multidões foi abafado instantaneamente pela grandiosa ovação que premiou a chegada dos corredores. O som dessa manifestação espalhou-se por todo o Vale de Jamor. Que alegria! E a dos ciclistas? Nos seus rostos, escondendo o cansaço da corrida, brilhava a satisfação de haverem chegado.

— Olha a camisola amarela!
Redobram de intensidade as palmas e os vivas. Apareceram ramos de flores e aquele grupo feliz de desportistas rodou em volta do Estádio, na etapa triunfal, o fim desta jornada brilhantíssima que acaba de fazer o ciclismo português.

Por largo espaço de tempo, os nomes de José Martins, de Fernando Moreira, de Rebelo, do Serafim Paulo, andaram no ar, gritados com entusiasmo.

Terminou assim a Volta a Portugal em bicicleta, plena de interesse, de animação. Acabou como devia, com a brilhante apoteose de domingo passado ao Estádio Nacional.

F. S.

Os concorrentes, alinhados, recebem com alegria os aplausos



OS DEZ DA ILUMINANTE QUE PARTIRAM DE LISBOA CHEGARAM A LISBOA! *Da esquerda para a direita:* Amandio Monteiro, Manuel Espadinha, Jorge Pereira, Alfredo Piedade (o dedicado orientador técnico do clube), Eduardo Lopes, dr. José Maria Cardoso (a quem a equipa muito deve no aspecto de preparação física), Driss, Amadeu Seabra (o presidente da assembleia geral, e a alma e vibração do G. D. da Iluminante), Djilali, Santos Rato, Manuel Rocha e Guilherme Jacinto. *Em baixo:* José Martins. Eis a grande equipa da Volta a Portugal!

A APOTEOSE DO ESTADIO NACIONAL
é o natural complemento da mais emocionante VOLTA de todos os tempos



José Martins, da Iluminante, e Serafim Paulo, do Lis, ainda envergando a camisola amarela, honram o ciclismo — vencendo. *Esses campeões da Volta!*



O dr. José Maria Cardoso entrega ao campeão José Martins a taça adquirida por um grupo de fervorosos adeptos



O momento da apoteose! A festa de honra no Estádio Nacional!
Driss corta a meta da Praça da Maratona, em primeiro lugar. O esforço da vitória!



O que nos falta em Lisboa

A piscina do Lago, local de veraneio dos madrilenos que não saem de Madrid

MADRID sufocava sob o sol ardente; não corria a mais ligeira brisa e nem as copadas árvores do Passeio do Prado e da Castelhana conseguiam que à sua sombra o calor nos desse uma trégua.

O céuito refrescante da agradável ducha, tomada no hotel logo ao chegar, desaparecera prontamente aos primeiros passos pela rua e a transpiração começava a encharcar a camisa; isto, apesar de pouco passar do meio-dia, o que corresponde, pelo avanço espanhol de duas horas, às dez da manhã.

Durante estes meses de Verão, tormentosos para os madrilenos que não podem sair da capital, todo o comércio se encerra desde as 13 horas até às 16 — o período mais quente do dia — e o movimento nas ruas redaz-se a quase nada. Toda a gente recolhe a casa, a não ser que prefira ir para a praia refrescar.

Não estranhem os leitores que lhes fale em praia no centro da Península, na cidade onde apenas corre esse escasso Manzanares, ao qual houve a necessidade de transformar o curso através de Madrid, em canal cimentado, para que se lhe não samissem na terra sequiosa as últimas gotas de água.

Não é uma, são várias as praias de Madrid, as suas magníficas piscinas ao ar livre, onde os que não têm férias matam saudades das vilegiatúras sonhadas e impossíveis.

Guilherme Hildbrand combinara vir buscar-nos ao hotel, a mim e ao Correia Leal, à uma hora, quando nada era possível tratar em Madrid; encontramos-nos encalorados, de regresso da primeira peregrinação em busca de bilhetes para o comboio, a preocupação absorvente desta maldada viagem e, prometendo breve refrigério, levamos de abalada até à piscina do Lago.

Menos de dez minutos depois o taxi deixava-nos à porta de um recinto arborizado, que um muro circundante escondia ao nosso olhar. Mas ouviamos, vindo do interior, o ruído característico e que logo nos provocou inveja da água espandando com as brachadas dos nadadores e o choque dos corpos dos que mergulhavam.

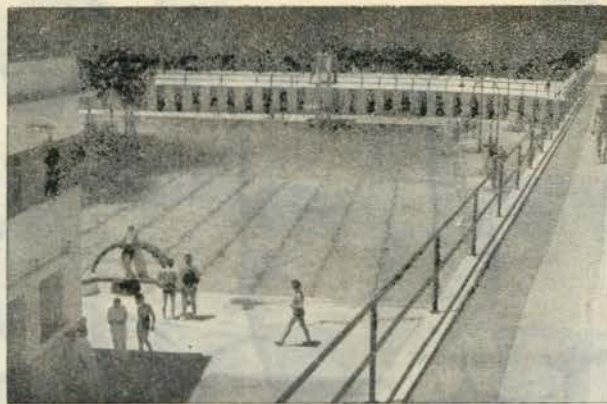
Que agradável local e que excelente banho ali tomámos! Eis o que nos falta em Lisboa para logradouro de quem não pode veraneiar no Estoril.

O tanque tem a forma de um L, com a perna mais comprida

medindo 50 metros, todo forrado de azulejo branco; nos dois topos e no lado que os reane pelo exterior estão instaladas as cabinas, com amplos soldrios no pino superior e no espaço que as separa da piscina.

No lado fronteiro, no espaço abraçado pelas duas pernas do L, sob frondosas árvores, funciona um restaurante, onde os nadadores podem almoçar (e que bem ali se almoça), sem necessidade de envengarem outro traje além do «maillot» com que tomaram o seu banho. É um oásis paradisíaco no inferno ambiente.

A frequência mantém-se durante todo o dia; ans saem, mas outros chegam e a animação é a de uma autêntica praia. Lindas raparigas, graciosas crianças se amoremam ao sol, criando ape-



A magnífica piscina do Lago onde os madrilenos se refrescam dos ardores do estio

tite para novo mergulho; dentro de água, de um azul transparente que convida, ri-se, brinca-se, nada-se.

A piscina do Lago não é pública; está organizada em sociedade e só os indivíduos inscritos que pagaram jóia de admissão e quota mensal podem entrar e utilizar as instalações mediante o pagamento de determinada quantia. O negócio parece ser excelente, pois nos disseram que as receitas cobriram em pouco tempo todas as despesas de reconstrução após a guerra civil, que tudo destruíra, pois a frente

de batalha passava justamente pelo muro dos vestiários.

Junta-se assim o útil ao agradável. A regra seria a mesma se o Lago fosse uma piscina lisboeta.

Com tanto calor na nossa mesa de trabalho, é com sentimento de saudade que esta crónica passa ao papel. Quando haverá um espírito com iniciativa que construa uma piscina no centro da cidade? Não haverá em Portugal quem queira fazer bom emprego de capital?

Salazar Correia

À MARGEM DA VOLTA

(Continuação da página 6)

pedalar contra-relógio? Para vencer, o portuense deve correr a favor-do-relógio...

No Estádio do Lima, o público innadiu o retângulo do jogo e não havia meio de o fazer regressar ao seu lugar.

Alguém adivinhou que Fernando Moreira desse uma volta triunfal, num jeep, e o locutor do alto-falante, numa ideia feliz, aproveitou a oportunidade para impor a boa ordem dos lugares:

— Se as pessoas não se afastarem, retomando os seus lugares, Fernando Moreira não dará a volta à pista.

Remédio santo!

Tavares da Silva, o conhecido jornalista, teve um grande desgosto nesta Volta:

João Rebelo, quando vinha num esforço impressionante de beleza e desportivismo, furou em Estarreja. Podia ter o acidente sucedido um pouco mais adiante ou um pouco mais atrás. Mas não. Em plena Praça, a terra do Seleccionador Nacional, tão galhardamente desportiva, tratou mal um sportingista...

Em Aveiro, dizia-nos João Rebelo:

— Todos estão a julgar que a luta já findou...

E a verdade é que a luta só acabará na Praça da Maratona do Estádio Nacional!

Sangalhos soube receber com primores de trato e fidalguia a

caravana, oferecendo-lhe um ópio-para almoço, em sítio aprazível, na Quinta do Peço, servido pelas meninas das melhores famílias da região.

Essas meninas, frescas e encantadoras, foram de grande gentileza e suportaram com estoicismo várias graças.

A uma pessoa da caravana, por acaso, mecânico, ouvimos:

— O' criada! venha cá!
Pois a menina olhou, sorriu, e nada disse ao indivíduo.

Em Sangalhos, a luta pelo esportivo por parte de alguns elementos foi tão árdua como a luta, em estrada, da Volta a Portugal.

Em Coimbra, durante a distribuição dos prémios, o nosso fotógrafo, Jorge Garcia, como representante ocasional de vários clubes, foi a pessoa que recebeu mais prémios.

...Era ver o garbo com que ele se dirigia para o público e agradecia as saudações!

Uma distribuição de prémios resultou enfiadonha, por demorar muito, e não aparecerem os prémios nem os corredores.

Alguém afirmou tratar-se de uma distribuição de prémios aos ciclistas — sem prémios e sem ciclistas.

Em Aveiro, na distribuição oficial de prémios, não compareceram os corredores.

Raul de Oliveira, o activo orientador da Volta, não deixou passar o facto em claro, comentando:

— Todas as noites os corredores apresentam a desculpa de que precisam de descanso para não comparecerem a receber os prémios. Hoje, é dia de repouso e também não os vejo...

O Regulamento da Prova precisa do seguinte artigo:

O ciclista que não comparecer, não mais receberá o prémio...

A Figueira da Foz brindou-nos com um magnífico almoço no Grande Casino Peninsular.

Houve, para nos distrair, bailados, cantares e números acrobáticos. Mas o grande número correu a cargo do ciclista João Rebelo e do nosso camarada Luís Bonifácio, um excelente companheiro.

E também excelentes bailarinos excéntricos!

Para terminar, uma última nota, já de Lisboa.

Rodrigues Teles, nosso prezado companheiro de trabalho, foi visitado na passada segunda-feira pelos corredores nortenhos do Futebol Clube do Porto, Académico, Salgueiros e individuais, que, acompanhados de João Rodrigues, Aniceto Bruno e Francisco Gonçalves, desejaram ao conhecido jornalista breves melhores. A visita despertou curiosidade na Casa de Saúde de Benfica.

O ciclista Fernando Moreira ofereceu à dedicada esposa do nosso camarada o ramo de flores que na véspera lhe haviam oferecido no Estádio Nacional. Eis o melhor gesto da Volta a Portugal!

Jornalista Desconhecido

A posição das equipas e dos corredores

em Aveiro

e as suas possibilidades analisadas à luz dos números e das probabilidades

Temos hoje, em Aveiro, o último dia de folga. A exemplo do que fizemos nos descansos anteriores, vamos proceder ao balanço geral da situação, procurando esclarecer posições de corredores e equipas, agora que elas começam, realmente, a tornar-se claras.

Mantém-se a impressão geral de uma prova muito bem disputada, com acentuado equilíbrio de valores individuais. Por equipas, há nesta altura desnível relativamente aos amadores e independentes. Nos amadores, esse desnível principiou cedo a manifestar-se. O Lisgás tomou rapidamente bom avanço e tem-no conservado através de todas as dificuldades, evidenciando nitida superioridade de conjunto, não obstante as equipas serem constituídas apenas por dois corredores, o que permitia maior aproximação dos clubes concorrentes.

Em independentes, categoria à roda da qual gira, principalmente, o interesse da corrida, o desnível, de certo modo acentuado, é devido à desistência forçada de João Lourenço, vítima de uma queda e de consequente erro de tratamento. Enquanto o correcto ciclista se manteve na prova, o equilíbrio entre o Sporting e a Iluminante era acentuado, não sendo fácil prever o vencedor. Agora, o avanço conseguido pela Iluminante dá-lhe tranquilidade e pode sugerir-se-lhe o triunfo.

Estão cobertos já 1787 quilómetros, distância oficialmente reconhecida pelo Jdri. Nota-se uma diferença grande em relação ao que foi antes da corrida tornado público, mas temos verificado que tal é devido à rega-

lização das estradas, novos desvios, etc.

José Martins levou, para percorrer esta já grande distância, 57 h. 34 m. 10 s. e Seralim Paulo, o amador que veste a camisola amarela, 58 h. 58 m. 7 s.

A estes tempos correspondem respectivamente, as médias de 31,047 e 30,304, ambas magníficas, em valor relativo e em valor absoluto, se tivermos em atenção que, até agora, houve muitas etapas por má estrada, o que, logicamente, não consentia boas velocidades e, portanto, boas médias.

Temos quase a certeza de que o recorde de Francisco Inácio, estabelecido em 1941, será este ano largamente batido. Pelo menos reina na caravana a impressão de que, na última fase da corrida, os resultados serão superiores aos anotados até agora. Também assim o julgamos.

A inclusão dos amadores está amplamente justificada. A média geral do vencedor é magnífica, o que constitui o primeiro elemento de apreciação, mas para além disso há que considerar o movimento e animação que eles

trouxeram à corrida. Todos na caravana afirmam que os bons resultados da prova se devem, incontestavelmente, ao interesse revelado pelos jovens, os quais forçam os «ases» a andar para não serem surpreendidos ou sofrerem uma decepção...

O objectivo dos organizadores foi plenamente alcançado. Revelaram-se alguns valores na categoria de amadores, e é de crer que, ainda na presente época — o mais tardar na próxima temporada — alguns deles passem à classe imediata, bem precisada de sangue novo.

Um Seralim Paulo, um Maximiano Rola, um Santos Gonçalves, um Joaquim Costa, um Joaquim Sá ou um Domingos Jacinto — e não citamos Rafael Correia, porque o consideramos já no declínio — são rapazes para marcar boa posição no lote dos «ases». Podem, de entrada, não dar inteira satisfação, mas pelo tempo adiante hão-de impor-se.

Praticamente, a luta pode julgar-se limitada a Seralim Paulo-Rola, em amadores, José Martins-Fernando Moreira, em independentes.

Mais limitada, todavia, no sector dos novos. Efectivamente, enquanto as diferenças do 1.º para o 2.º são sensivelmente iguais nos duas categorias, não sucede o mesmo quanto à distância que separa o 2.º do 3.º

Vejamos os independentes:

José Martins... 57 h. 34 m. 10 s.
F. Moreira... 57 h. 37 m. 30 s.

Vantagem de José Martins... 3 m. 20 s.

José Martins... 57 h. 34 m. 10 s.
João Rebelo... 57 h. 47 m. 57 s.

Vantagem do «leader»... 13 m. 47 s.

Nos amadores:

Seralim Paulo... 58 h. 58 m. 7 s.
M. Rola... 59 h. 1 m. 52 s.

Vantagem de Seralim Paulo... 3 m. 45 s.

Seralim Paulo... 58 h. 58 m. 7 s.
D. Jacinto... 59 h. 30 m. 58 s.

Vantagem do 1.º classificado... 32 m. 51 s.

Quer dizer: João Rebelo ainda tem uma probabilidade, de certo modo remota, de ganhar a prova. Domingos Jacinto pode praticamente considerar-se impossibilitado de o fazer.

Acresce que João Rebelo, nas duas etapas que antecederam o descanso, se mostrou em franca recuperação de forma. Na etapa contra-relógio, de 22 quilómetros, entre Porto e Espinho, o sportinguista chegou a ganhar

1 m. 30 s. a José Martins e companheiros. E, na tirada da tarde, a média elevadíssima verificada, ficou a dever-se, em grande parte, ao seu forte e audacioso golpe. Quis o Destino que a sorte lhe fosse adversa, deixando-o aterrorizado por motivo de um furo, mas a maneira como Rebelo conduzia a corrida e a forma como depois perseguiu, mostraram que o antigo campeão tinha ainda uma palavra a dizer.

O dueto Martins-Moreira, incontestavelmente os dois melhores homens da corrida, darará até Lisboa. Tudo o indica. Contudo, parece-nos que o portuense começa a ver diminuídas as suas possibilidades à medida que se afasta do seu ambiente e José Martins principia a encontrar-se em região conhecida.

O que eles são, inegavelmente, é adversários dignos um do outro e o triunfo final assentaria bem em qualquer deles.

José Martins, sereno, cauteloso, confiante, faz tudo calmamente, sem precipitações. A rolar, a subir e a descer, vai com todos os adiantamentos, verdade que começa a tornar-se axiomática.

O campeão nacional, mais jovem, mais audacioso, mas bom em todos os géneros de percurso, talvez tenha desbaratado energias na quase solfeira conquista de prémios de passagem.

Por equipas, em independentes, o problema da vitória já não pode, em boa verdade, colocar-se.

O avanço da Iluminante traduz-se em 26 m. 9 s., reflectindo, agora que Lourenço abandonou a corrida, maior poder, superioridade evidente de conjunto. A equipa da Iluminante, presentemente, é mais homogênea que a dos «leões». Com Lourenço a disputar a corrida, o equilíbrio seria grande, ou talvez superior o Sporting.

Também em amadores, acabou, de há muito, a luta para o primeiro lugar. O Lisgás leva sobre o valeroso Campo de Ourique a apreciável vantagem de 1 h. 6 m. 12 s. Nada mais é preciso acrescentar.

A melhoria da média verificada desde Braga deve-se, sem dúvida, à melhor qualidade das estradas e ao terreno ser quase plano.

Desde aquela cidade, nunca mais houve uma etapa com média inferior a 30 quilómetros. A mais baixa foi de 31, 238 e a mais elevada de 39, 500.

Grande corrida esta «Volta a Portugal».

Manuel Mota

ATLETISMO

A F. N. A. T. fez disputar os seus campeonatos em Lisboa

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho organizou, no sábado e domingo passados, os seus campeonatos distritais, utilizando este ano — por amável cedência do Sporting — a pista do Lumiar, o que trouxe grande vantagem para os participantes, que de outra forma teriam ido parar ao impróprio e endurecido campo de Belém.

O torneio compreendeu provas nas três categorias regulamentares e reuniu avultado número de concorrentes, os quais quase atingiram as duas centenas. Tanto as corridas como os concursos, poder-se-á até afirmar com propriedade mais alguns concursos do que as corridas (no lançamento do disco tomaram parte 35 atletas e o concurso durou três horas), foram disputados com animação e os resultados devem considerar-se francamente bons, sobretudo aqueles alcançados na 3.ª e 2.ª categorias, por homens sem filiação clubista e cuja preparação foi iniciada e aperfeiçoada exclusivamente por intermédio da organização desportiva corporativa.

Dentro do regulamento em vigor, que é o produto de cuidadosa remodelação, originada nos ensinamentos da experiência, parece-nos apenas para rever a disposição que admite a presença na 3.ª categoria aos antigos fillados que tenham deixado há mais de umas tantas épocas a prática do atletismo oficial. Esta categoria, para conservar o seu verdadeiro significado, deverá ser reservada apenas aos iniciados, aos produtos da escola «filialista», incorporando os restantes na 2.ª e 1.ª categorias, conforme mantêm ou hajam mantido actividade federativa.

A organização, acasando corridas e concursos, conseguiu despachar programa tão copioso em limitado espaço de tempo e apenas merece reparo a falta de policiamento que impedisse a entrada de toda a gente para o terreno, naquela habitual mas lamentável demonstração de indisciplina dos nossos desportistas da modalidade.

(Continua na página 14)



Em boa velocidade os corredores escaram-se da Batalha

HÁ MOMENTOS de BELEZA PELA ESTRADA FORA...



Os corredores passam nas Caldas da Rainha

Mais um troço de estrada. Es os corredores pedalam sempre



Surgiu uma subida. E' a altura dos mais atrezados terem uma possibilidade de recolar

Diamantino Vizeu



Durante algum tempo foram apupados no Campo Pequeno os críticos que se attereram a escrever o que pensavam acerca de Gregório Garcia. Forçado pelo «mano-a-mano» com o nosso compatriota Diamantino Vizeu, «El Terrible Pérez», que nunca hostilizou o mexicano, escreve agora o que pensa acerca de ambos. E aqui fica o seu retrato obra de Martin Maqueda, para ser reconhecido pelos que o queiram apupar no Campo Pequeno

DIAMANTINO VIZEU, no dia seguinte triunfante na capital de Espanha acabou de tourear no Campo Pequeno cerca das duas horas da madrugada, hora espanhola, para se apresentar em Madrid poucas horas depois. E fê-lo com serenidade e valentia, como se não estivesse a tão curto espaço de tempo do momento mais difícil da sua carreira, o de se apresentar na capital espanhola, a que dá «cartel» pela categoria do seu público e pela expansão dos seus jornais. Começamos por saudá-lo, e passemos a escrever o que foi a

Corrida no Campo Pequeno

Uma enchente, e um disparate: o do sr. Rufino da Costa aparecer como ama, «mises» ou «fraulein» de Paquito Mascarenhas para logo deixar o jovem cavaleiro sozinho, ali diante dum touro do sr. dr. Emilio Infante da Cámara. Para dar ideia de certo ambiente reinante diremos que Gregório Garcia foi aplaudidíssimo logo ao levar o ferro ao cavaleiro. Apareceu este de casaca bordada e, ainda que tarde, a propósito vem estranhar que os cavaleiros se não tivessem apresentado na tourada à antiga com um pouco do luxo que em tais torneios era tradicional, senão com polainas, pelo menos com o penacho do chapéu, senão com cabeleira, empoados, e com as luvas que nunca deviam ter abandonado. Mas, vamos adiante. No seu 1.º cravou Paquito uma farpa com perseguição, outra em tira larga, depois outros em tira mais recta, seguida de tentativas para aquela sorte da volta que não é tão fácil como parece. Aplausos. 2.º com o tamanho próprio de novilho. Gregório dá lances soltos e intentos de «chicuelinas» até que, por nervosismo, que não por deslealdade, Diamantino nada pudesse já fazer. O mexicano começa comprometido num par de bandarilhas, iguala bem outro, tem várias saídas falsas e acaba por cravar um ao quebro. Palmas. Com a «muleta» brinda ao público, mas esquece-se de deixar a «montera» na arena. Dá passes soltos, de todas as espécies e em todos os «tercios», mas é ovacionado, e chamado. 3.º Diamantino, parado nos «tercios» e nos mesmos terrenos, dá vários lances à «Verónica». Gregório, correndo por diante, esboça «Chicuelinas». Diamantino crava um par enorme, meio par, bem marcado e outro meio, com vista. Dias cerra com meio. Brinda Diamantino ao público, mas deixando a «montera» na arena, e começa com tres ajudados por alto, estatutários, aponta tres naturais nos «médiros» e seguidos do de peito. Mais três, com o adorno dum «Molinetes». Um em redondo e mais dois «molinetes». Simula com a mão. Ovação, volta ao anel, e flores.

4.º maior que o anterior. Sae com muitos pés e Correia corre bem a uma mão. Gregório «veroníquea» movido, depois de frente por detrás, e «chicuelinos», voltando a prolongar o «tercio» sem que Ivo Borba intervenha. Diamantino encontra o touro esgotado. Gregório, com intervenções de Correia e Salgado, começa por se atrair de cabeça ao «callejon», e é Gorfão quem cerra o «tercio» de bandarilhas depois do mexicano ter cravado dois pares com mais pena que glória. Depois, com a «muleta», ajudados por baixo, sem recolher e sofrendo um desarme. Ajudados em redondo, saindo comprometido pela cara. Simula e há divisão de opiniões.

5.º vai com muitos pés, como o anterior. Fernandes tenta para-lo, Diamantino castiga-o e para-o, após o que se para também o toureiro num par de «Verónicas». Deixa o touro refrescar-se, e remata por «reboleras». Gregório corre na cara do touro, e há palmas das taes. Diamantino crava um par com muita vista. Moyano corre oportuno a uma arrancada do touro. Depois é o touro que não arranca para um par de poder a poder, assim mesmo extraordinário. Uma saída em falso, e mais um par grande. Ovação. O touro salta e torna a tentar o salto característico do manso. Assim Diamantino obriga-o com ajudados por baixo, tentando o manso desarmar, incerto, difícil, sobretudo pelo lado direito. Volta a saltar, e é hora de tocar. Depois, o intervalo, e discussão e depois outro touro, para o cavaleiro, bravo, e bem aproveitado com tres farpas, dobrando-se bem na última. Um curto por dentro, apertado. Palmas. Outro, voltando-se, apertadíssimo. Ovação. Parte um curto e crava, outra vez apertado. Ovação e voltas ao anel com Precópio. 1.º Gregório não deixa o touro até Ivo Borba se decidir, por fim, a intervir. Diamantino apenas encontra touro para tres lances de frente por detrás. Gregório, com as bandarilhas, é perseguido pelo touro que passa por cima do toureiro, caído por terra. Ia-se repetindo o caso com perseguições até à trincheira até que Gregório consegue tres pares ao «quebro», aproveitando a viagem e é aplaudido. Gregório brinda a Simão da Velga, mas acaba por atirar com os trastes. Divisão de opiniões, agitadas e contrárias. 8.º Moyano dobra bem, e Diamantino dá tres lances de frente por detrás, e Gregório esboços de «Chicuelinas». Diamantino oferece as bandarilhas a Gregório que crava um grande par. Ovação. E Diamantino outro, superior. Ovação. Gregório mete-se no terreno do touro e é colhido e pisado. Diamantino tem uma saída em falso, e crava meio par. Depois, aguentando valentemente, «muleta» por alto, e, nos «médiros», por redondos e naturais, correndo bem a mão, quatro «manoletinas», e um «molinetes». Ovação. Continua por ajudados por baixo, perde a «muleta», volta-se para ir à trincheira e o touro arranca-se e quase o colhe. Simula com a mão e é despedido com uma ovação.

Julzo crítico

Os touros do sr. dr. Emilio Infante ofereceram realmente dificuldades, e alguns até fizeram coizas de mansos, ainda que outros fossem bravos, como o do 2.º do cavaleiro. Os «diestros» defenderam-se deles conforme suas possibilidades e temperamentos.

Gregório correndo-lhes deante, sendo colhido, e a tirando com a «muleta» em arremêso. Diamantino aguentando-os parado, e aguentando tudo, até certas injustiças. Os subalternos, com raras excepções, como as de Precópio e Correia — este correndo bem a uma só mão, não acusaram possibilidades, nem temperamento. Acerca do mexicano e do português já nos manifestamos, até na revista da corrida. Temos simpatia por Gregório, mas pelo nosso compatriota mais, admiração. Por ele nos declaramos, com todas as consequências francamente e com a firmeza e decisão que um dia lhe prometemos, quando, da volta de Sevilha, nos brindou a faina dum touro.

EL TERRIBLE PEREZ

Diamantino Vizeu, depois de se prodigalizar nas praças portuguesas, e de triunfar na de Sevilha e outras de Espanha, apresentou-se já em Madrid, com touros pouco propícios ao exito, mas marcando a sua forte personalidade de toureiro sério e consciente, e valente. Toureará como novilheiro até Julho do ano que vem, porque recusou a alternativa que lhe ofereciam para já. Acompanhamo-lo com fé e entusiasmo, como o acompanhámos nos «tentaderos» antes da sua ida a Espanha.



Comentarios

O jogo

com a Espanha

A comissão administrativa da Federação Portuguesa de Futebol tornou já público o calendário internacional definitivo para a próxima temporada e, aos jogos com a Inglaterra, a Suíça, a Irlanda, e a França, juntou, afinal, também, com data fixada para 20 de Janeiro, o encontro com a Espanha, aquele que «não interessava ao futebol português», segundo uma declaração do seu presidente.

Que se haja estabelecido acordo entre as duas federações peninsulares só pode ser motivo para satisfação geral; sobretudo porque esse acordo assentiu sobre bases que satisfazem o nosso legítimo ressentimento pelo proceder dos ex-dirigentes espanhóis na temporada finda. E mais ainda porque ninguém duvida que o encontro interessa e interessa muito aos adeptos portugueses da bola.

A atitude federaliva, que o prof. André Navarro definiu com as palavras atrás referidas, era aquela — digna e prestigiosa — que nos compelia assumir depois das esquivas e recusas com que a Federação Espanhola respondeu, sem razão plausível a alegar, às nossas amistosas instâncias para celebração do encontro.

A única posição que nos parecia era a de alheamento; adversários não nos faltam, por toda a Europa, onde o futebol português goza de melhor apreço, pelo que «não interessava instalar junto dos espanhóis por um encontro que eles tinham o dever de nos propor». Foi o que fizeram, no Congresso do Luxemburgo, e o organismo português pôde, dignamente, aceitar o oferecimento, pois, sem dúvidas, o jogo, como jogo, é aquele que mais interessa à paixão desportiva.

As afirmações do presidente da F. P. de F. causaram sensação no país vizinho e muitos jornais lhes contestaram, acusando o toque. No semanário «Marec», por exemplo, o cronista afirma que se mais a Portugal do que à Espanha que pode interessar o novo encontro, pela diferença de classe que continua a existir a favor dos espanhóis, apesar da opinião contrária de uns tantos exaltados futebolistas portugueses que se deixaram

cegar por circunstâncias de menor valia.

Esta argumentação, baseada em factos passados, arrisca-se a não corresponder à realidade presente e a ela podem contestar os lais exaltados pedindo ao jornalista que explique qual a razão — além do receio pelo resultado — que impeliu os dirigentes espanhóis a recusar, sistematicamente, o jogo com os portugueses em 1945.

O recorde mundial do disco

O congresso da Federação Internacional de Atletismo, reunido em Oslo antes do início dos campeonatos da Europa, homologou o lançamento do disco do atleta norte-americano Bobby Fitch, cujos 54,98 m. ficam constituindo nova marca mundial.

Esta proeza foi conseguida em julho passado e o seu autor é um especialista já experimentado, que em 1942 conquistara o campeonato dos Estados Unidos, com 49,84 m. derrotando homens da categoria de Fox, Harris, Blozis e Caunos, os quais figuram todos na lista dos 10 melhores discóbolos mundiais (os outros são Consolini, Schroeder, Carpenter Anderson e Lampert).

O recorde mundial do lançamento do disco progrediu de 25,80 m. em 50 anos e julgado pela equivalência na tabela finlandesa de pontuação é superior a todas as restantes marcas conseguidas, excepto a do salto à varna.

O primeiro resultado oficialmente reconhecido foi o do americano Garrel, que em 1896 alcançou 29,14 m. distância hoje acessível a qualquer principiante. No ano seguinte o seu compatriota Humenau suplantou-o com 36,19 m., os quais só em 1903 foram ultrapassados por outro lançador estado-unidense, Sheridan, o qual até 1911 foi sucessivamente empurrando o recorde para 36,77 m., 39,05 m., 40,35 m., 41,14 m., 41,70 m., 42,57 m., e 43,08 m.

Seguem-se no historial do recorde ainda quatro americanos: Duncan, com 44,43 m. e 47,58 m. em 1912; Lieb com 47,61 m. em 1914; Hartman com 47,80 m. em 1923 e Houser com 48,20 m. em 1926.

O alemão Hoffmeister foi o primeiro europeu que se apossou do recorde, em 1928, com 48,77 metros, mas o seu reinado durou apenas um ano, destronando-o Kreuz (Estados Unidos) com 49,90 m., aumentados em 1930 para 51,03 m.

Os últimos titulares foram: Jessup (E. U.) com 51,73 m. em 1930; Anderson (Suécia) com 52,42 m. em 1934; Schroeder

(Suécia) com 53,10 m. em 1935; Harris (E. U.) com 53,26 m. em 1941; Consolini (Itália) com 53,34 m. no mesmo ano e, agora, Fitch.

Uma obra da maior utilidade

A bibliografia portuguesa da educação física tem sido enriquecida nestes últimos tempos com alguns trabalhos de real valor prático, consagrados uns ao ramo desportivo — como o tão interessante estudo do professor Mário Moniz Pereira — a ginástica outros — de entre os quais é dever realçar a série de fascículos sobre a «Lição de Ginástica Infantil» que o professor capitão Alberto Marques Pereira está publicando em separatas do Boletim do Comissariado da Mocidade Portuguesa.

Os livros técnicos sobre ginástica têm, em regra, pela forçada condição do próprio assunto, uma aridez e monotonia que não consegue prender a atenção de quem não seja profissionalmente

interessado pela matéria; na maioria dos casos, também, a terminologia especial dos enunciados de posições e movimentos obriga os autores a redigir as suas descrições de forma pouco compreensível a quem não possua os suficientes conhecimentos especializados.

No caso da ginástica, como aliás no de todos os assuntos de carácter científico e pedagógico, é relativamente mais fácil escrever para os técnicos do que para a grande massa leitora, dotada apenas de cultura geral.

Pois o grande, o maior merecimento da obra que o professor Alberto Marques Pereira está editando, é precisamente aquela clareza singela que não afecta a precisão técnica da exposição, mas a torna compreensível a qualquer.

A leitura dos três capítulos já publicados, cuja apresentação original mais valoriza o seu atractivo, faz-se com prazer e proveito, o primeiro facilitando a assimilação do segundo.

As abundantes e expressivas ilustrações que alegam todas as páginas são outro motivo de agrado na obra do capitão Alberto Marques Pereira, a qual, quando estiver terminada, constituirá um importantíssimo tributo para a divulgação eficaz das modernas doutrinas e técnicas da ginástica infantil.

Os três folhetos já publicados referem-se à «Música na ginástica infantil», aos «Exercícios de equilíbrio» e aos «Factores que condicionam a elaboração da lição».

O atletismo na F. N. A. T.

(Continuação da pág. 11)

No grupo dos vencedores da 3.ª categoria destacaremos Manuel Teixeira, que ganhou ao salto em comprimento com um excelente pulo de 6,31 m. e os 60 metros em 9,9 s.; por coincidência, em ambas as provas encontrou o mesmo rival, João Pessoa, de «Cuf», que na corrida foi batido por um peço e no salto atingiu 6,26 m.

São também apreciáveis as marcas de Reul Macara no lançamento do peso de 5 k., 11,64 m.; os 10 m. 13,8 s. do bombeiro Catarino nos 3000 m.; os 40 s. de Borges Teixeira nos 300 m. e o lançamento do dardo de Jaime Pimenta. Os outros campeões foram Carlos Correia, na altura e no disco, e Matos Henriques (que já foi recordista e campeão nacional e realmente desloa na categoria), nos 1000 metros.

Na 2.ª categoria (para onde transitam os vencedores precedentes da categoria inferior), verificaram-se alguns resultados inferiores aos da categoria precedente, nos 300 m., 1000 m., 3000 m., comprimento e dardo; foi igual o da altura e superaram os do torrense Alexandre nos 80 m. com óptimos

9,6 s.; de António Feliciano no peso de 5 k. com 13,14 m. e de Léllo Ribeiro no disco com 32,70 m. Seria injusto omitir referência a José Luís Fonseca, lançador feito na F. N. A. T. e só às suas provas concorrente, o qual ganhou o dardo com 36,27 m. e foi segundo no disco com 30,34 m. e no peso com 12,80 m.

Finalmente, na categoria dos ases, encontramos alguns nomes consagrados: Paqueta venceu os 80 m. em 9,3 s., o que não é famoso para a sua classe; Alvaro Dias, os 300 m. em 38,4 s., o salto em comprimento com 6,45 m. feitos no primeiro e único pulo; o lançamento do disco com 30,47 m.; António Araújo os 3000 metros em 9 m. 25,6 s., que é bastante bom tempo; Adriano Gomes os 1000 metros em 2 m. 44,1 s.; Manuel Dias o salto em altura com com modesto 1,60 m.; Romeu Correia o lançamento do peso com 11,16 m., novo recorde da categoria, e José da Silva o dardo apenas com 41,73 m.

Collectivamente, os campeões foram: Ceixo de Previdência de «Cuf» em 1.ª e 3.ª categorias, e o Grémio dos Armezenistas de Mercueria, em 2.ª.

Salazar Correia

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

| | |
|-------------------------|---------|
| Custo por número, . . . | 2\$00 |
| 3 meses, Esc. | 26\$00 |
| 6 » » » » » | 52\$00 |
| 12 » » » » » | 104\$00 |

«FLECHA» A BICICLETA DOS CAMPEÕES

Stadium

ATLETISMO

Os Campeonatos europeus

OS principais resultados dos Campeonatos da Europa de atletismo, efectuados na capital da Noruega, foram os seguintes:

100 m. — Jack Archer (10,6 s.) — Inglaterra; 200 m. — Karakulov (21,6 s.) — Rússia; 400 m. — Holst-Sorensen (47,9 s.) Dinamarca; 800 m. — Gustavsson (1 m. 51,5 s.) — Suécia; 1.500 m. — Len Strand (3 m. 48 s.) — Suécia; 5.000 m. — S. Wooderson (14 m. 8,6 s.) — Inglaterra; 10.000 m. — Viljo Heino (29 m. 52 s.) — Finlândia; 3.000 m. (obstáculos) — Pujazon (9 m. 1,4 s.) — França; Maratona — Hietanen (2 h. 24 m. 55 s.) — Finlândia; 10.000 m. (marcha) — Mikaelson (46 m. 5 s.) — Suécia; 50.000 m. (marcha) — Junggren (4 h. 38 m. 20 s.) — Suécia; 4 x 100 m. (estafetas) — Suécia (41,5 s.); 4 x 400 m. (estafetas) — França (3 m. 14,4 s.) 110 m. (barreiras) — Lidman (14,6 s.) — Suécia; 400 m. (barreiras) — Storskrubb (52,2 s.) — Finlândia; Salto em altura — Bolinder (1,99 m.) — Suécia; Salto em extensão — Laessker (7,421 m.) — Suécia; Salto à vara — Lindberg (4,11 m.) — Suécia; Triplo-salto Rautio (15,17 m.) — Finlândia; Lançamento do peso — Huseby (15,56 m.) — Islândia; Lançamento do disco — Consolini (53,23 m.) — Itália; Lançamento do dardo — Atterwall (68,74 m.) — Suécia; Lançamento do martelo — Ericson (56,44 m.) — Suécia; Decatlo — Holmvang (6,987 pontos) — Noruega.

A Suécia triunfou em 11 provas, a Finlândia em 4, a França e Inglaterra em 2, e a Rússia, Islândia, Noruega, Dinamarca e Itália em 1.

O domínio dos suecos deve atribuir-se em grande escala ao facto de não terem entrado na guerra mundial, poupando a juventude do país e mantendo um nível atlético que baixou forçosamente nas restantes nações beligerantes.

Uma opinião de Paavo Nurmi

DEPOIS do encontro de atletismo que se efectuou entre a Suécia e a Finlândia, o famoso recordista da hora, Paavo Nurmi, grande corredor finlandês, declarou à imprensa que o sueco Ericsson, vitorioso na prova de 1.500 metros em 3 m. 48,2 s., deve tornar-se verdadeiro sucessor de Gundar Haegg e Arne Anderson como recordista mundial.

Duas proezas notáveis

OS atletas de cor, ingleses. Mc Donald Bailey e Artur Wint realizaram em Gotemburgo duas proezas notáveis. O primeiro correu 100 metros em 10,3 s., igualando o recorde europeu, e o segundo ganhou uma prova de 400 metros planos em 47 segundos, que é um resultado de valor olimpico.

Assinem a STADIUM

Stadium

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA DA SEMANA

OS campeonatos europeus de atletismo realizados em Oslo nasceram, progrediram e terminaram sob a égide mais auspiciosa que é possível. Além da comparação dos desportistas russos, circunstância favorável para uma compreensão melhor e maior entre duas civilizações muito dispares, efectuou-se igualmente a primeira assembleia dos povos do velho continente, renovando tradições desportivas que, para as massas populares, constituem um fértil e seguro movimento diplomático de aproximação.

Portugal esteve ausente da competição. Em boa verdade, não vemos quem pudesse representar-nos com probabilidades de êxito, partindo do princípio de que um ou dois participantes isolados só vencendo ou classificando-se entre os primeiros três homens, tinham jus a uma deslocação.

Eliminados os atletas de raça africana, uma vez que estes campeonatos se destinavam a europeus (a Inglaterra não enviou Mc Donald Baily, Artur Wint ou o príncipe Adedoyin da Nigéria por esse motivo...), não envergamos quem pudesse desloçar-se até Oslo sem probabilidades de ridículo...

Em competições internacionais da envergadura dos campeonatos da Europa não há lugar para improvisações e muito menos para passeatas custosas, de resultados práticos totalmente nulos.

A Espanha, melhor apetrechada do que nós, esteve ausente, fossem quais fossem os motivos que a impediram de participar.

Desportivamente, o certame constituiu um êxito clamoroso para o atletismo sueco, mesmo sem o concurso de Gundar Haegg e Arne Andersson, e ao lado do seu triunfo registou-se o dos países nórdicos — Finlândia, Dinamarca e Noruega — e medite-se no que isso representa de decadência e inferioridade quanto aos países mediterrâneos, outrora condutores da civilização e actualmente em via de passar a um segundo plano por decapitação física e social.

R. B.

CRICKET

O condado de York ganhou o Campeonato

DEPOIS de uma campanha activa e cheia de peripécias, terminou o campeonato do jogo do cricket, em Inglaterra, que é o desporto de Verão mais popular da Grã-Bretanha. A vitória final coube ao condado de York, derrotando o condado de Sussex por seis wickets, graças ao trabalho dos jogadores Maurice Leyland e Frank Smailes.

York foi vencedor consecutivo do campeonato nos três anos que antecederam a última guerra (1936-37-38).

CICLISMO

O Campeonato do Mundo

NA presença de milhares de pessoas, prosseguem os campeonatos mundiais de ciclismo amador e profissional que se realizam em Zurique no velódromo de Oerlikon.

O inglês Reg. Harris, um dos favoritos da corrida de velocidade para amadores, foi batido nos quartos de final pelo holandês C. Bijster, que se classificou em terceiro lugar na repescagem. A vitória coube ao suíço Oskar Plattner, vencendo o dinamarquês Schandorff.

No campeonato profissional, o holandês Van Vliet, outró favorito, ficou apenas no terceiro posto. A final foi ganha pelo holandês Jan Derksen, por assistência de Georges Senfleben, francês, que deu uma queda e fracturou algumas vertebbras. O estado resvalado da pista, por motivo da chuva, levou o júri a interromper o campeonato durante dois dias.

Um caso notável de ciclofilia

O Presidente honorário da União Velocipédica Espanhola condecorou com a medalha de mérito de perseverança e fidelidade o sr. Tomás Eguidazu, de Bilbao, que conta 88 anos de idade e pratica diariamente o ciclismo. Há oitenta anos que a bicicleta é o desporto favorito deste venerável ancião e raro se passa um dia sem que dê o passeio habitual pela cidade.

O general Uquiano, presidente honorário da U. V. E., celebrou uma reunião de carácter íntimo no Centro Ciclista Bilbainho para impor ao homenageado a veneration com que o agraciou.

Aqui está um exemplo vivo e edificante do valor da bicicleta como desporto!

BOXE

Paulino Uzcudun reaparece?

APESAR dos seus 47 anos de idade, o decrépito pugilista vasco Paulino Uzcudun, ex-campeão de Espanha e da Europa de todas as categorias, vencedor de Cruz Coelho por fora de combate ao primeiro golpe, ex-lenhador

de Regil, etc., quer voltar a medir forças no quadrângulo.

Consta que o adversário se chama Rodolfo Diaz, peso pesado de modestas pretensões. O combate — se é que tal nome pode aplicar-se ao desafio... — effectua-se em setembro, no Escorial, desconhecendo-se, porém, se possui carácter privado.

Um campeão do mundo posto K-O

WESLEY MOUZON, de Filadélfia, pugilista americano muito reputado, venceu por fora de combate ao 2.º round o negro Bob Montgomery, reconhecido pelo Estado de Nova-York como o melhor jogador peso leve do momento.

Esta vitória tem algo de sensacional, pois Mouzon não figura na lista dos dez primeiros pugilistas da sua classe.

NATAÇÃO

Um recorde americano

BRENDA HOSIER melhorou, a 22 de Agosto último, o recorde americano dos 100 metros (estilo livre), percorrendo a distância em 1 minuto 7,2 segundos. O máximo anterior pertencia a Helena Curtiss desde 1945, com mais três décimos de segundo.

FUTEBOL

A Inglaterra empata com a Escócia

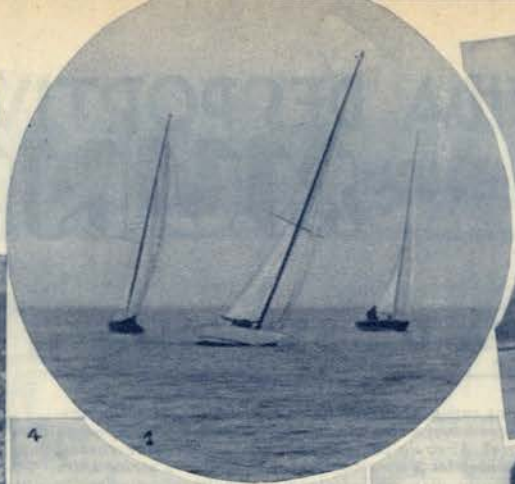
NA presença de 70.000 espectadores, as equipas nacionais inglesa e escocesa empataram o primeiro desafio internacional da nova época no campo de Manchester.

A receita do jogo destinava-se ao fundo de auxilio às famílias e sinistrados que sofreram os efeitos do desastre do Campo do Bolton, ocorrido em Março findo.

Durante a primeira parte brilhou a grande altura o avançado inglês Matthews e na segunda o escocês Waddell imitou-o perfeitamente.

No fim da primeira parte a Inglaterra dominava por 2-1, mas o desafio terminou com um empate de 2 bolas.

O DESPORTO Anima-se...



*Abriu a época
de*
FUTEBOL!



1 e 2 - Aspectos curiosos das regatas de stars entre portugueses e espanhóis.
3 - Uma fase do Benfica-Belenenses. 4 - Paquete concluindo as 100 jardas.
5 - Uma passagem nos 200 metros-barreiras

no **PORTO**

1 - Rogério e Manuel Marques - o encontro Benfica-Sporting. 2 - O «team» do Benfice vencedor do torneio-relâmpago de futebol no festival do Estádio Nacional.
3 e 4 - Duas fases do encontro Leixões-Ovarense. O Norte também retomou o contacto com a bola



CAMISOLAS AMARELAS

(AMADORES)

A BICICLETA



FLECHA

(algas) não enlaxam
coqstô 2f

VENCEU A

Severim Paulo (algas)
1.º classificado
em 2 horas

XI VOLTA A



PORTUGAL

(algas) não enlaxam
coqstô 2f

Logo levantado 1000
(algas) não enlaxam
coqstô 2f

FSC. 3200

Stadium

CAMISOLAS AMARELAS

(AMADORES)



Serafim Paulo (Lisgás)
1.º classificado
9 etapas



Maximiano Rola (Lisgás)
15 etapas



José Martins (Bemfica)
2 etapas



João Lourenço Júnior
(Sporting)
2 etapas

ESC. 2\$00